****

**Oração do jubileu**

Pai que estás nos céus,

a fé que nos deste

no Teu Filho Jesus Cristo, nosso irmão,

e a chama de caridade

derramada nos nossos corações pelo Espírito Santo

despertem em nós a bem-aventurada esperança

para a vinda do teu Reino.

A tua graça nos transforme

em cultivadores diligentes

das sementes do Evangelho

que fermentem a humanidade e o cosmos,

na espera confiante

dos novos céus e da nova terra,

quando, vencidas as potências do Mal,

se manifestar para sempre a tua glória.

A graça do Jubileu

reavive em nós, Peregrinos de Esperança,

o desejo dos bens celestes

e derrame sobre o mundo inteiro

a alegria e a paz

do nosso Redentor.

A Ti,

Deus bendito na eternidade,

louvor e glória

pelos séculos dos séculos.

Amém.

1. **O Plano Diocesano de Pastoral 2024-2025**
   1. Lema: **Peregrinos de esperança. Com todos e para o bem de todos**.

Concluído o triénio pastoral, sob o lema *Juntos por um caminho novo*, a nossa Diocese do Porto propõe-se viver um ano singular, incontornavelmente marcado pela celebração do Jubileu de 2025, sob o lema Peregrinos de esperança.

Para ser à moda do Porto, acrescentamos-lhe um subtítulo, *com todos e para o bem de todos*, sublinhando assim, na nossa ação pastoral, a perspetiva mais ampla de uma sinodalidade missionária, que não podemos limitar a um evento, mas que se pretende seja a nossa forma permanente de ser e de edificar a Igreja.

O Ano Pastoral de 2024-2025 é um ano singular, não enquadrado em nenhum triénio pastoral, pois estará muito centrado na celebração do Jubileu.

Apontamos estes três objetivos pastorais para 2024-2025, sendo que, na prática, o segundo e o terceiro objetivos são desenvolvimentos do primeiro:

* 1. Objetivos pastorais:

1. Celebrar o Jubileu e reanimar a esperança.

2. Intensificar o processo sinodal para desenhar a Igreja sinodal que Deus sonha para o Porto.

3. Promover uma cultura do cuidado.

**1.º objetivo**:

Destacam-se as celebrações jubilares e as práticas que lhes estão tradicionalmente associadas:

* a Peregrinação às Igrejas Jubilares e a passagem pela Porta Santa,
* a Oração como exercício de esperança,
* o necessário espírito de conversão,
* a celebração da Reconciliação e da Eucaristia,
* a prática das obras de misericórdia como obras de esperança,
* o dom da indulgência…

**Documentos orientadores para a celebração do Jubileu**

1. A **Carta do Papa Francisco ao Arcebispo Rino Fisichela, Presidente do atual Dicastério para a Evangelização, em 11 de fevereiro de 2022.**

Basicamente, o Papa Francisco pede-nos que o Jubileu seja ocasião para manter acesa a chama da esperança; pede-nos que se escute a voz dos pobres e o grito da Terra, nossa Casa Comum. Pede-nos ainda que se intensifique o empenho sinodal; por fim, realça a importância de preparar o Jubileu com uma autêntica ‘sinfonia de oração’, o que viria a concretizar ao proclamar em janeiro deste ano, 2024 como *Ano da Oração*.

1. **A Bula de Proclamação do Jubileu, *Spes non confundit* («A esperança não engana» - cf. Rm 5,5).**

Nesta Bula, o Papa Francisco oferece-nos uma palavra de esperança e uma catequese sobre a escatologia cristã, isto é, sobre a vida e a morte, sobre o juízo e a vida eterna; propõe-nos a peregrinação como caminho de esperança; desafia-nos a ser sinais palpáveis de esperança em oito âmbitos concretos; deixa alguns *apelos mundiais* em favor da esperança (por exemplo, a criação de um Fundo Global, para a acabar com a fome; o perdão das dívidas aos países pobres); apresenta-nos a indulgência jubilar como expressão da plenitude do perdão de Deus. A Bula, depois de nova incursão sobre a temática da esperança, conclui com uma referência a Maria, como Testemunha da esperança.

1. Por fim, a publicação do Documento sobre a Concessão da Indulgência durante o Jubileu de 2025:

Apresentam-se algumas novas formas de penitência e de caridade, ligadas à concessão da indulgência.

No calendário diocesano podem encontrar-se a proposta de algumas celebrações jubilares:

**Celebrações jubilares de âmbito diocesano**

* 26 de janeiro – Jubileu dos Leitores | SDL | Local a designar
* 8 de março – Jubileu das Prisões
* 25 de abril – Jubileu das Vocações | SDPV | SDPJ | SDPF | Local a designar
* 4 de maio – Jubileu do mundo universitário | SDPU
* 24 de maio – Jubileu da Catequese | SDECIA | SDPM | Locais a designar
* 29 de maio – Jubileu do Movimento dos Cursilhos de Cristandade
* 14 – Jubileu dos Frágeis e do Mundo da Saúde
* 14 de junho – Jubileu dos Frágeis e do Mundo da Saúde | SDPS e SDPF | SDL | SPPCD - Pavilhão Multiusos Gondomar
* 15 de junho – Jubileu das Famílias – 24.º Dia Diocesano da Família | SDPF | Pavilhão Multiusos Gondomar
* **20 de setembro – Peregrinação Diocesana a Fátima**
* 28 de setembro – Jubileu dos Migrantes e Refugiados | SDPMT | Local a designar
* 5 de outubro – Jubileu dos Acólitos | SDA | Local a designar
* 17 e 19 de outubro – Jubileu do mundo missionário | SDPM | Local a designar
* 15 de novembro – Jubileu do mundo educativo | SDERMC | Local a designar
* 15 de novembro: Jubileu dos Pobres | Jubileu da Ação Social | SDPSC | Local a designar
* 22 e 23 de novembro – Jubileu dos Jovens | SDPJ
* 23 de novembro – Jubileu dos Coros litúrgicos e ministros da música | SDPML | Local a designar

**2.º objetivo**:

Apurar, com mais clareza, a meta do nosso caminho diocesano, definir algumas prioridades, concretizar opções pastorais realistas, para a nossa Igreja do Porto, nos alvores do segundo quartel do século XXI.

Este objetivo desdobra-se noutro que lhe está conexo: Edificar uma Igreja mais ministerial, em linha Nota Pastoral do Bispo do Porto, Ministérios instituídos na Igreja do Porto, datada de 29.05.2023.

O PDP apresenta algumas 23 ações pastorais:

1. 11 no campo da sinodalidade, entendendo esta como processo, como estilo, como forma de ser, de agir e de edificar a Igreja e não como evento de uma assembleia reunida por algum tempo;
2. 12 no campo da ministerialidade da Igreja

**3.º objetivo:** **Promover uma cultura do cuidado**

Promover uma ética e uma cultura do cuidado, especialmente em alguns âmbitos, desde o cuidado da vida humana, passando pelo cuidado dos pobres e frágeis, sem esquecer o cuidado integral de si mesmo e o Cuidado da Casa Comum.

Tal objetivo – recordemos - é também apontado pelo Papa para a celebração do jubileu, na Carta ao Arcebispo Fisichela.

“Sentindo-nos todos peregrinos na terra onde o Senhor nos colocou para a cultivar e guardar (cf. Gn 2, 15), não nos desleixemos, ao longo do caminho, de contemplar a beleza da criação e cuidar da nossa casa comum. Almejo que o próximo Ano Jubilar seja celebrado e vivido também com esta intenção” (Papa Francisco, Carta ao Arcebispo Fisichela, 11.02.2023).

1. **É possível organizar ou programar a esperança?**

Nesta conversa, vamos deter-nos sobretudo no 1.º objetivo pastoral, associado ao Jubileu: reanimar a esperança.

Na verdade, sobre a **origem bíblica** do Jubileu e dos sinais que lhe estão associados na história da Igreja (como a **peregrinação**, o **dom da indulgência**), este Ciclo de Conferências oferecerá boas oportunidades de reflexão sobre esses temas, incluindo ainda outros aspetos e objetivos do PDP 2024-2025, como, por exemplo, o da **ética do cuidado**.

Por mim, fixar-me-ia agora no que possa significar isto de “*programar a esperança*”, quando a esperança cristã nos é apresentada como “*virtude teologal*”.

Em 2015, o cardeal Tolentino Mendonça referia: “*o tema da esperança está fora de estação. Desapareceu dos títulos dos volumes de teologia. É como se tivesse sido a locomotiva do pensamento teológico e depois feito um enorme silêncio. A exceção será a encíclica “Spe salvi”, de Bento XVI, mas mesmo assim não é nada comparado com a época anterior. Uma das causas deste fenómeno reside no sentimento de que vivemos ainda hoje a ressaca de tantas esperanças projetadas em vão. E assim, a esperança perdeu presença no espaço público e no pensamento teológico contemporâneo. Kafka escrevia: «existe esperança e uma esperança infinita, mas não para nós». Esperar contra toda a esperança (Rm 5,5): não é de uma esperança isenta, empolgada, ligeira, fácil, imediata que se quer refletir e falar, mas de uma esperança que resiste à prova de fogo da desesperança e se confronta com ela. A* ***esperança também integra a desesperança no próprio processo****. Ela não ignora o enigma e o absurdo da existência. Por isso pretende-se humilde e depurada*”[[1]](#footnote-1).

O Papa Francisco tem retomado este tema da esperança, do sonho, na sua pregação, contra o derrotismo e o pessimismo, a lamúria e o desencanto, dentro dos “espaços da Igreja”. E por isso, e não por acaso, colocou a esperança no centro da celebração do Jubileu, como “programa de vida” para a Igreja e para o mundo.

**2.1. Reanimar a esperança**

Escreveu o Papa Francisco:

“Devemos manter acesa a chama da esperança que nos foi dada e fazer todo o possível para que cada um recupere a força e a certeza de olhar para o futuro com Espírito aberto, coração confiante e mente clarividente. O próximo Jubileu poderá́ favorecer imenso a recomposição dum clima de esperança e confiança, como sinal de um renovado renascimento do qual todos sentimos a urgência. Por isso escolhi o lema Peregrinos de esperança” (Papa Francisco, Carta ao Arcebispo Fisichela, 11.02.2022)

Escreveram os nossos Bispos do Porto: “Entre tantas ilusões e muitos desencantos do nosso caminho pessoal e eclesial, precisamos de redescobrir uma esperança, ancorada em Deus e no Seu infinito amor por nós; uma esperança que toma rosto em Jesus Cristo morto e ressuscitado por nós; uma esperança, não apoiada em cálculos e previsões estatísticas, mais ou menos otimistas, ou em soluções pastorais mais ou menos engenhosas, mas é alimentada pela ação discreta e paciente do Espírito Santo. É Ele o guardião e o artífice da esperança, que anda sempre de mãos dadas com a paciência, a sua parente mais próxima. “A paciência mantém viva a esperança e consolida-a como virtude e estilo de vida” (SNC, n.º 4).

Só esta esperança, que não engana, nos pode ajudar a resistir à prova de fogo da desesperança e a confrontarmo-nos com ela, nós que vivemos ainda hoje, em tantos âmbitos da vida, a ressaca de tantas esperanças projetadas em vão. Como poderíamos nós viver sem esperança? A esperança é o sal da quotidianidade, disse o Papa Francisco. É “a virtude da vida quotidiana, na qual se faz o possível e se confia a Deus o impossível” (K. Rhaner)” (Bispos do Porto, Pórtico ao PDP 2024-2025).

**2.2. Com uma pedagogia sinodal: com todos e para o bem de todos**

Na verdade, não precisamos apenas de uma doutrina da esperança, precisamos também de uma **pedagogia da esperança**, capaz de despertar a confiança e um são otimismo, de motivar as pessoas e ajudá-las a desenvolver as suas potencialidades, uma atitude positiva e proativa, o mútuo acolhimento, a compreensão sem condenação e a oferta do sentido, do futuro. Precisamos de manter viva a esperança, fazendo dela um caminho sinodal.

Se queremos reanimar a esperança (SNC, n.º 1), manter viva a chama da esperança – como reza o Hino do Jubileu –, procuremos percorrer estes três caminhos (cf. Papa Francisco, Saudação aos Jovens, Havana, Cuba, 20.09.2015):

1. **Um caminho feito de memória, donde se parte, e de discernimento realista** sobre a meta a atingir. É necessária a memória daquilo que somos, daquilo que constitui o nosso património espiritual e moral. Discernimento e memória, porque o discernimento não é cego, mas realiza-se sobre a base de sólidos critérios éticos, morais, que ajudam a discernir o que é bom e justo.
2. **Um caminho feito em companhia.** Diz um provérbio africano: «Se quiseres ir depressa, vai sozinho; se quiseres ir longe, vai acompanhado». O isolamento ou o fechamento em si mesmo nunca gera esperança; pelo contrário, a proximidade e o encontro com o outro, sim. Sozinhos, não chegamos a lado nenhum. E, com a exclusão, não se constrói um futuro para ninguém, nem sequer para si próprio. Um caminho de esperança exige uma cultura do encontro, do diálogo, que supere os contrastes e o confronto estéril. Para isso, é fundamental considerar as diferenças no modo de pensar, não como um risco, mas como uma riqueza e um fator de crescimento. O mundo precisa desta cultura do encontro, precisa de jovens que queiram conhecer-se, que queiram amar-se, que queiram caminhar juntos.
3. e, por fim, **um caminho solidário**, capaz de congregar pessoas, cristãos e homens e mulheres de boa vontade, que sonham um mundo novo: «Com todos e para o bem de todos» (frase atribuída a José Martí[[2]](#footnote-2), político cubano e que assumimos como parte do nosso lema pastoral).

**2.3. Algumas propostas concretas para reanimar a esperança**

O nosso PDP aponta algumas ações pastorais, mais específicas e concretas, para reanimar a esperança (n.ºs 17 a 28), tais como:

17. Valorizar, reconhecer, oferecer e alimentar os sinais de esperança, no mundo, na Igreja, nas pessoas, através de opções quotidianas, que nos façam sair ao encontro dos mais pobres, nos comprometam com o bem comum e fortaleçam o sentido do comunitário.

18. Impulsionar iniciativas pastorais e sociais para os jovens e sobretudo com os jovens, para que a sua esperança não seja frustrada e eles se possam envolver e comprometer no futuro que esperam (cf. SNC, n.º 12).

19. Escolher um estilo de vida baseado na esperança. Por exemplo, compartilhar cada dia, nas redes sociais, uma palavra, um gesto, um sinal, uma notícia de esperança.

20. Proporcionar catequeses sobre a virtude teologal da esperança (cf. SNC 18;1-4; 18-22) e sobre as razões da esperança (aqui «esperança» equivale a «fé»; cf. SS, n.º 2).

21. No âmbito da Catequese, da pregação e da formação permanente, refletir sobre o Juízo, como lugar de aprendizagem e exercício da esperança (cf. SNC, n.º 22; cf. SS, n.º 48). Oferecer um anúncio renovado do futuro eterno da pessoa humana, propondo a dimensão escatológica da vida cristã (cf. SNC 18-22), em linguagem acessível e atual, nomeadamente nas celebrações exequiais.

22. Cuidar por valorizar os espaços e tempos de velório, por qualificar liturgicamente as celebrações exequiais, por acompanhar as pessoas em situações de luto. Fazer germinar a esperança, no meio da dor e do sofrimento, do luto, com a proximidade e a compaixão, que leva à ternura.

23. Realizar as obras de misericórdia, corporais e espirituais, como obras de esperança (cf. SNC, 11). Devolver a esperança perdida, por causa da injustiça, do sofrimento e da precariedade da vida. Que a esperança dos pobres não seja frustrada.

24. Cuidar da formação dos cuidadores formais e informais, MEC’s, vicentinos, visitadores de doentes, voluntários sociais, que são a expressão de uma verdadeira Pastoral da Esperança.

25. Promover uma aliança social em prol da esperança (SNC, n.º 9), de modo a promover uma cultura da vida e da família, favorável ao aumento da natalidade.

26. Lutar por uma aliança entre os habitantes da Terra e a Casa comum, que devemos salvaguardar e respeitar; uma aliança geradora de paz, justiça e aceitação entre todos os povos da família humana, bem como de diálogo entre as religiões.

27. Fazer da educação um ato de esperança e educar para a esperança, numa aliança entre todas as componentes da pessoa: entre estudo e vida; entre gerações (SNC, n.º 14); entre professores, estudantes, famílias e sociedade civil, de acordo com as suas expressões intelectuais, científicas, artísticas, desportivas, políticas, empreendedoras e solidárias.

28. Assumir, no campo educativo, o compromisso pessoal e comunitário de cultivar, juntos, o sonho dum humanismo solidário, que corresponda à dignidade infinita da pessoa humana, às suas legítimas expetativas e ao desígnio de Deus.

* 1. **A dimensão espiritual deve ter expressão social**

Esta exigência de aliar, numa unidade coerente, a dimensão teologal da esperança   
a sua expressão social, é reclamada pelo Papa: “(…) Que as vozes dos pobres sejam escutadas neste tempo de preparação para o Jubileu que, segundo o mandamento bíblico, restitui a cada um o acesso aos frutos da terra: «*O que a terra produzir durante o seu descanso, servir-vos-á́ de alimento, a ti, ao teu escravo, à tua serva, ao teu jornaleiro e ao inquilino que vive contigo. Também o teu gado, assim como os animais selvagens da tua terra, poderão alimentar-se com todos esses frutos*» (Lv 25, 6-7). Por conseguinte, que a dimensão espiritual do Jubileu, que convida à conversão, se combine com estes aspetos fundamentais da vida social, de modo a constituir uma unidade coerente”[[3]](#footnote-3).

* 1. **Organizar a esperança: não se limitar a esperar**

Frente ao “pecado organizado”, que Francisco Fanhais denunciava na sua Cantata pela Paz, frente à desmitificação do progresso, ao tão apregoado “fim da história” (cfr. autores como Vattimo, Braudillart), frente à perda de horizonte (cf. Mardones), frente ao vazio da utopia, numa sociedade do desfrute imediato (cf. G. Carvajal) sem metas nem referências, não nos devemos limitar a esperar… (a esperar “sentados”, como espetadores passivos, resignados ou iludidos ou alienados); é preciso fazer alguma coisa.

É preciso **não só anunciar** a grande esperança em Cristo Ressuscitado e propor a meta da nossa peregrinação rumo aos novos céus e à nova terra, mas também “***organizar a esperança***”, isto é, dar expressão concreta, visível, pública, institucional, para que esta esperança não se confunda com uma paciência resignada ou uma confiança ilusória. É preciso transformar a necessidade em esperança ativa; é preciso consolar os aflitos e afligir os consolados.

De facto, a nossa esperança cristã está enraizada em Cristo e em tensão para o futuro; chega a ser uma esperança “***arriscada*”**, quando já “*não há nada a esperar*” (Rm 8,24); é uma esperança que cresce e se purifica e consolida no mal e frente ao mal, sendo por isso uma **esperança crucificada**. Esta esperança tem como parente a paciência (capaz de fazer frente à adversidade, com perseverança, resistência ativa) mas não deixa de ser uma **esperança lúcid**a, uma esperança que não é cega, pois projeta a sua luz sobre uma realidade dura e escura. Se esperamos a nova criação, então a nossa esperança é **inconformista**; não é só consolo no sofrimento, mas protesto da promessa de Deus contra o sofrimento. Não se trata, pois, de uma esperança, de dimensão puramente individual, uma ilusão narcisista, mas de uma **esperança solidária**, de irmãos que estão dentro da mesma barca; trata-se sempre de uma **esperança criativa**, que impulsiona a ação.

Dizia São João Paulo II há tantos anos: “Esta esperança, bebida na cruz e ressurreição do Senhor Jesus, nada tem que ver com uma piedosa resignação, um quietismo que contradissesse os apelos evangélicos à coragem. Tal esperança faz dirigir olhares novos para as pessoas e os acontecimentos, impele a que se procurem soluções novas, leva a recomeçar as mesmas tentativas melhorando-as sempre. Vede vós mesmos, caros Irmãos, a pedagogia de Cristo. **Não é ela verdadeira pastoral da esperança**? (São João Paulo II, Discurso aos Bispos do Vietnam, 11.12.1980).

Por isso, diz-se no PDP 2024-2025: “Sabemos que a fé e a caridade guiam pela mão esta esperança-menina. A fé e a caridade ensinam-na a caminhar, mas, ao mesmo tempo, é a esperança que as puxa para a frente, para **não as deixar paralisar no medo ou no êxtase**. Precisamos da pequenina esperança para ativar em nós a grande e ardente paixão pelo Reino, que constitui o fim da feliz missão que nos foi confiada, como testemunhas da esperança” (Bispos do Porto, Pórtico ao PDP 2024-2025).

Para sermos mais concretos, escutemos e retomemos o pensamento do Papa Francisco, na sua Mensagem para o 5.º Dia Mundial dos Pobres (2021):

“**Não podemos limitar-nos a esperar, devemos organizar a esperança**». Se a nossa esperança não se traduzir em opções e gestos concretos de atenção, justiça, solidariedade, cuidado da casa comum, não poderão ser aliviados os sofrimentos dos pobres, não poderá ser modificada a economia do descarte que os obriga a viver à margem, não poderão florescer de novo os seus anseios. Compete-nos, especialmente a nós cristãos, **organizar a esperança** – é uma linda expressão, esta de Tonino Bello[[4]](#footnote-4): «organizar a esperança» –, traduzi-la diariamente em vida concreta nas relações humanas, no compromisso sociopolítico. Isto faz-me pensar no trabalho que fazem tantos cristãos com as obras de caridade em tantas instituições. Que é que se faz lá? **Organiza-se a esperança.** Não se dá uma moeda; organiza-se a esperança. Esta é uma dinâmica que hoje nos pede a Igreja”.

Disse ainda o Papa Francisco noutra Mensagem: «não descansemos nas sacristias, não formemos grupos elitistas que se isolam e se fecham. A esperança está sempre em caminho e passa também através de comunidades cristãs, filhas da ressurreição que saem, que anunciam, partilham, suportam e lutam para construir o Reino de Deus»[[5]](#footnote-5).

* 1. **Oferecer sinais palpáveis e concretos de esperança**

Como Peregrinos de esperança, não devemos apenas esperar e desejar a esperança. “Devemos organizar a esperança” (Dom Tonino Bello). Para tal, sejamos proativos, organizemo-la, ponhamo-la em prática. Precisamos de ser sinais palpáveis de esperança, para o bem de todos. Algumas das tarefas “programáveis” da esperança na sociedade atual seriam, por exemplo:

1. Abrir horizontes largos ao homem contemporâneo, para superar a sua visão plana e se pôr em demanda de um futuro outro, como peregrino de esperança, num caminho com saída para a vida plena;
2. Criticar a absolutização do presente, que se preocupa apenas com o aqui e o agora, sem pensar no futuro eterno de cada pessoa e no futuro das gerações vindouras;
3. Introduzir um sentido humanizador no progresso;
4. Fazer o que esperamos: criatividade da esperança:
   1. Frente a um nihilismo fatigado, a fé em Deus;
   2. Frente ao pragmatismo, a defesa da pessoa humana;
   3. Frente ao individualismo, a solidariedade;
   4. Frente à insensibilidade, a misericórdia;
   5. Frente à violência, diálogo e reconciliação;

O Papa Francisco, na Bula de proclamação do Jubileu, enumera oito grupos ou realidades, aos quais importa oferecer sinais de esperança:

1. a paz para um mundo em guerra (SNC, n.º 8);
2. a valorização da vida, face à queda da natalidade (SNC, n.º 9);
3. os reclusos, na sua justa expetativa da liberdade e confiança de reinserção na sociedade (SNC, n.º 10);
4. os doentes, que esperam alívio na proximidade dos outros (SNC, n.º 11);
5. os jovens e mais novos, que são a alegria e esperança da Igreja e do mundo (SNC, n.º 12);
6. os migrantes, exilados, deslocados e refugiados, a quem se devem abrir portas de acolhimento (SNC, n.º 13);
7. os idosos e avós com os quais é preciso fomentar uma aliança de gerações (SNC, n.º 14);
8. os milhões de pobres, num mundo dotado de grandes recursos (cf. SNC, n.º 15).

Como justamente afirmava o Concílio Vaticano II, «podemos legitimamente pensar que o destino futuro da humanidade está nas mãos daqueles que souberem dar às gerações vindouras razões de viver e de esperar» (GS, n.º 31).

* 1. **Apelos em favor da esperança:**

E o Papa tem uma voz profética a favor da esperança, quando faz alguns apelos “radicais”:

1. Um fundo global para acabar com a fome: pão em vez de armas (SNC, n.º 16)
2. Perdão das dívidas dos países pobres (SNC, n.º 16)
3. A Celebração dos 1700 anos do 1.º Grande Concílio Ecuménico de Niceia e a procura de uma data comum para a celebração da Páscoa.
4. **Votos finais: uma renovada esperança e confiança na nossa vida e missão cristãs**

Nos votos finais da Bula de proclamação do Jubileu, diz o Papa: “que o testemunho crente seja fermento de esperança genuína no mundo, anúncio de novos céus e nova terra (cf. 2 Pd 3, 13), onde habite a justiça e a harmonia entre os povos, visando a realização da promessa do Senhor” (SNC 25).

Cabe-nos, pois, animar e organizar a esperança, iluminados por uma esperança mais alta: a que nos vem da fé em Cristo. Ele fez-Se nosso companheiro de viagem, e não só nos anima, mas acompanha-nos, permanece ao nosso lado e estende-nos a sua mão de amigo. A fé na sua presença, no seu amor e amizade acende e ilumina todas as nossas esperanças e sonhos. Com Ele, aprendemos a discernir a realidade, a viver o encontro, a servir os outros e a caminhar juntos, com todos e para o bem de todos. E isto é possível de programar, de forma organizada. O PDP dá algumas sugestões.

Seja como for, o Plano que é proposto - como lá se diz - não deve ser visto como um caderno de encargos a cumprir meticulosamente. Não. Pretende-se dar um mote, um foco, uma orientação comum e uma unidade de ação pastoral à nossa Diocese, Peregrina de esperança, na sua riquíssima variedade poliédrica. O elenco das muitas ações pastorais seja lido e acolhido, a partir dos contextos concretos, sempre sob a moção do Espírito, e apenas como um fermento de inspiração e de orientação, para caminharmos juntos, na riqueza da nossa Diocese, com as suas Paróquias, Associações, Movimentos e Obras.

Que este Plano Diocesano de Pastoral para 2024-2025, fruto de um processo sinodal, continue a ser, para quem o toma em suas mãos, um instrumento de exercício sinodal, na programação, realização e avaliação pastorais, em diversos âmbitos da ação e da corresponsabilidade pastoral, a nível (inter)paroquial, vicarial e diocesano.

Ficaremos felizes se, ao menos, alguma proposta, oferecer novas intuições e desafios e sobretudo uma renovada esperança e confiança na nossa vida e missão cristãs.

Pe. Amaro Gonçalo

Secretário da Equipa de Apoio à Coordenação Diocesana da Pastoral

01.10.2024

**Bibliografia sobre a virtude da esperança:**

1. BENTO XVI, Carta Encíclica Spe Salvi – Salvos na esperança, 30.11.2007
2. CARLO M. MARTINI, *Le virtu*, Ed. In diálogo, Radio A, Milão 1993, pp.
3. *Catecismo da Igreja Católica*, números 1817-1821
4. JOSÉ ANTÓNIO PAGOLA, *Es bueno crer en Jesús*, Ed. San Pablo, 2.º ed., Madrid 2012, pp. 89-132.
5. PAPA FRANCISCO, *Bula de Proclamação do Jubileu Spes non confundit – A esperança não engana*, 9.05.2024
6. PAPA FRANCISCO, *Carta ao Arcebispo Rino Fisichella, Presidente do Dicastério para a Evangelização, pelo Jubileu de 2025*, 11.02.2022
7. PAPA FRANCISCO, *Catequeses sobre a esperança* (entre 7 de dezembro de 2016 e 25 de outubro de 2017) – são 38 catequeses publicadas em português: PAPA FRANCISCO, Alegres na esperança. Catequeses sobre a Esperança Cristã, Paulus Editora 2019.
8. PAPA FRANCISCO, *Catequeses sobre os vícios e as virtudes,* n.º 18: a virtude da esperança (08.05.2024)
9. PAPA FRANCISCO, *Discurso aos jovens*, Havana, Cuba, 20.09.2015
10. PAPA FRANCISCO, *Mensagem para o Dia Mundial da Juventude 2022 (Aqueles que esperam no Senhor, caminham sem se cansar)*
11. PAPA FRANCISCO, *Mensagem para o Dia Mundial da Juventude 2023 (Alegres na esperança)*

**Hino do Jubileu** – cf. vídeo <https://youtu.be/eOfWKX9mnN8>

Peregrinos de Esperança

Texto de Pierangelo Sequeri

Texto versão portuguesa: António Cartageno

Chama viva da minha esperança,

este canto suba para Ti!

Seio eterno de infinita vida,

no caminho eu confio em Ti!

Toda a língua, povo e nação

tua luz encontra na Palavra.

Os teus filhos, frágeis e dispersos

se reúnem no teu Filho amado. Refrão

Deus nos olha, terno e paciente:

nasce a aurora de um futuro novo.

Novos Céus, Terra feita nova:

passa os muros, ‘Spírito de vida. Refrão

Ergue os olhos, move-te com o vento,

não te atrases: chega Deus, no tempo.

Jesus Cristo por ti se fez Homem:

aos milhares seguem o Caminho. Refrão

1. JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA, *Jornadas de Estudos Teológicos da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa*, Lisboa, 11.2.2015. [↑](#footnote-ref-1)
2. José Julián Martí Pérez foi um político e poeta cubano, considerado um herói nacional cubano por causa de seu papel na libertação de seu país da Espanha. [↑](#footnote-ref-2)
3. PAPA FRANCISCO, Carta ao Arcebispo Fisichella, 11.02.2022 [↑](#footnote-ref-3)
4. Bispo italiano de Molfetta-Ruvo-Giovinazzo-Terlizzi de 1982 até sua morte em 1993 [↑](#footnote-ref-4)
5. PAPA FRANCISCO, Mensagem aos participantes na 49.ª Semana social dos católicos italianos, Taranto de 21 a 24 de outubro, 4.10.2021 [↑](#footnote-ref-5)